
A GRAMATICALIZAÇÃO DO *ai*
COMO CONECTOR - INDÍCIOS SINCRÔNICOS
Maria Alice Tavares

1. Introdução

O processo de gramaticalização é um processo de mudança lingüística pelo qual itens e construções lexicais assumem, em certos contextos lingüísticos, funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, podem desenvolver novas funções gramaticais (cf. Hopper e Traugott, 1993; Heine et alii, 1991, entre outros). As múltiplas funções desempenhadas pelo *ai*, que manifestam interrelações fluidas e contínuas, constituem-se em índices de que o item em questão sofreu gramaticalização, migrando de empregos adverbiais para empregos gramaticais diversos. Destacamos neste trabalho o percurso do *ai* rumo à conexão textual.¹

2. Do quadro teórico e dos procedimentos

Entendemos os estágios de mudança do *ai* de item lexical a item gramatical como um percurso ao longo do qual essa forma evolui, percurso caracterizado por Hopper e Traugott

(1993:06) como um tipo de “inclinação escorregadia” que guia o desenvolvimento de itens lingüísticos. Tal percurso pode ser pensado como um contínuo: uma organização de formas ao longo de uma linha imaginária. Nesse contínuo, há certos pontos focais (aqueles a que se atribui rótulos como advérbio, preposição, conjunção, afixo), que são de certo modo arbitrários, pois, nas palavras de Heine e Reh (1984), “Gramaticalização é um contínuo evolucionar. Toda tentativa de segmentá-lo em unidades discretas é necessariamente arbitrária em alguma extensão”. Assim, embora apontemos diversos pontos focais nos percursos ilustrados no quadro 1, ressaltamos que há um contínuo evolucionar entre tais pontos.

Para organizar os percursos de gramaticalização de *aí*, tomamos seus diferentes empregos como conexões em uma cadeia, uma dando origem a outra (ou a mais de uma outra). Partimos da hipótese de que, mesmo na ausência de evidência direta da fonte de um item gramatical, esta pode ser reconstruída a partir de dados sincrônicos. Conforme Bybee et alii (1994:18), é possível utilizar-se os usos múltiplos e a retenção de especificidades lexicais como diagnósticos da história do material gramatical, mesmo em línguas cuja evidência histórica é esparsa ou não existente, o que nos permite recobrir e reconstruir não apenas informações acerca das construções lexicais fonte dos vocábulos gramaticais, mas também os estágios ao longo de seu percurso de desenvolvimento.

Analisamos as possibilidades do desenvolvimento do *aí* de advérbios a outros empregos utilizando dados de 36 entrevistas de Florianópolis, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). Baseamo-nos nas propriedades comuns a duas ou mais das funções da forma sob enfoque (por exemplo, a presença de traços

dêitico-anafóricos (espaço-temporais), de traços de seqüenciação cronológica etc.), e principalmente nas relações de abstração entre as funções.

É possível descrever o processo de desenvolvimento de itens lexicais em itens gramaticais em termos de algumas categorias básicas, distribuídas, de acordo com um grau de abstração crescente, ao longo da escala de derivação 'pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade', que destaca a similaridade entre fontes e alvos. Cada uma dessas categorias inclui uma variedade de conceitos definidos perceptual e/ou lingüisticamente, representando domínios de conceptualização importantes para a experiência humana. A relação entre as categorias é metafórica, sendo possível a cada uma delas conceituar a categoria a sua direita. Considerando as últimas etapas da escala, Heine et alii (1991:182) propõem um percurso de gramaticalização para conectores, salientando a origem espaço-temporal da forma fonte: 'espaço → (tempo) → texto'. Conforme essa escala, elementos indicadores de espaço externo, por transferência metafórica, passam a ser empregados como indicadores temporais e, por fim, como organizadores do espaço textual, sendo possível um percurso do espaço externo diretamente para o espaço textual. É no espaço textual que encontramos a maior parte dos empregos do *ai* em nosso *corpus*.

Além da metáfora, outro mecanismo tem sido apontado como responsável pela gramaticalização: a metonímia. Suas motivações estão no contexto lingüístico e pragmático de uso de uma dada forma: ocorre uma associação conceitual entre entidades de algum modo contíguas, de forma que o item lingüístico que é usado em referência a uma delas passa a ser usado também para a outra (Taylor, 1989, apud Heine et alii, 1991:61). A metonímia é caracterizada como um contínuo de

pequenas mudanças motivadas pelas relações de contigüidade entre fontes e alvos, enquanto a metáfora envolve a projeção de um domínio mais concreto sobre um menos concreto, isto é, ocorre a transferência de um item lingüístico de um domínio a outro.

De acordo com Heine et alii (1991b:165-166), a relação entre domínios mais descontínuos, como espaço, tempo ou qualidade, que é metafórica, pode ser entendida como envolvendo uma série de pequenas extensões metonímicas, perspectiva que ressalta a compatibilidade entre os dois mecanismos de mudança. Contudo, Bybee et alii (1994:296) crêem que a metáfora só é possível nos estágios iniciais da gramaticalização, quando o conteúdo semântico é bastante específico, ao passo que a metonímia ocorre quando os significados já são mais abstratos, nas etapas posteriores do processo. De qualquer forma, como resultado da atuação de ambos os mecanismos, é prevista uma trajetória de abstratização crescente e/ou generalização de significados, hipótese na qual nos baseamos para a elaboração dos percursos de gramaticalização de *af* discutidos a seguir.

A gramaticalização é um percurso unidirecional relativamente ao rumo tomado pelo desenvolvimento das categorias. Ou seja, itens lexicais originam itens gramaticais, e não vice-versa; paralelamente, conceitos mais concretos derivam conceitos mais abstratos, e não vice-versa. A concepção básica é que há uma relação entre dois estágios A e B de modo que A ocorre antes de B, mas não vice-versa (Hopper e Traugott, 1993:95). Também cumpre apontar que a passagem entre os estágios A e B não é direta, havendo um estágio intermediário A-B, em que os significados estão sobrepostos e, em decorrência, a interpretação dos mesmos é ambígua. Assim, as categorias

- (1) Eu cheguei em casa, eles estavam sentados no muro, né? num muro alto. Eu disse: “Meu filho, [não]- não senta **AÍ** que tu não estás com equilíbrio bom.” (FLP 13, L 831)
- (2) Onze e pouco da noite. Não tinha um hotel, não tinha nada pra dormir, que o único hotel da cidade estava fechado. Aí procuramos, procuramos, batemos nesse hospital, que é um hospital e maternidade, **AÍ** que ele estava. (FLP 03, L 889)

O *aí* anafórico locativo dá origem ao *aí* anafórico temporal (como em (3)), seguindo o percurso ‘espaço é tempo’.

- (3) Depois que ele morreu, né? Que **AÍ** elas já eram mais ou menos moças, né? Tinham os seus quinze, dezesseis anos, **AÍ** que começaram a namorar. (FLP 18, L 1161)

Do *aí* anafórico temporal deriva o *aí* conector seqüenciador temporal, que coloca em evidência a ordenação temporal cronológica dos eventos narrados. A passagem do *aí* de anafórico temporal para conector seqüenciador temporal representa o percurso ‘tempo → conexão textual’, percurso pelo qual formas indicadoras de tempo tornam-se indicadoras da interligação entre partes do texto. A seqüenciação temporal preserva traços de indicação temporal anafórica, caracterizadores do uso anafórico temporal, pois indica que o evento introduzido segue-se temporalmente ao evento anterior. Vejamos um exemplo do *aí* como seqüenciador temporal:

- (4) “Ela está lá na casa da Maria dos Anjos”, disse uma outra amiga minha. **AÍ** ela foi lá na casa da Maria dos Anjos, ver se eu estava na casa da Maria dos Anjos. (FLP 08, L 831)

Esse *ai* constitui a fonte de diversas funções conectivas:

(i) *Introdutor de efeito*: O percurso que dá origem ao conector introdutor de efeito, que indica relações de conseqüência, conclusão ou resultado, é ‘seqüenciação temporal → seqüenciação temporal/introdução de efeito → introdução de efeito’ (conseqüência ou conclusão). Quando interliga dois eventos que se sucedem cronologicamente, o primeiro deles representando a causa e o segundo a conseqüência, o introdutor de efeito apresenta bastante evidenciado o traço anafórico temporal típico do seqüenciador temporal que lhe dá origem, isto é, trata-se de um emprego ambíguo, situado entre seqüenciação temporal e lógico-discursiva (cf. exemplo 5). O traço anafórico temporal aparece reduzido quando o conector interliga informações que não evidenciam relação de sucessão temporal, mas sim sucessão lógico-discursiva: a causa precede logicamente a conseqüência (cf. exemplo 6). Neste caso, temos um emprego mais gramaticalizado do introdutor de efeito, comparando-se com o que ainda manifesta seqüenciação cronológica.

- (5) Eles botaram ela, assim, num monte de aparelhos, sabe? **AÍ** ela deu uma melhorazinha. (FLP 03, L 1222)
- (6) **E**: A que horas você vai pra cama?
F: Não tem muito o que fazer à noite, **AÍ** geralmente é oito horas estou deitado já. (FLP 10, L 1091)

(ii) *Seqüenciador textual*: O *ai* adquire um significado mais abstrato ao deixar de indicar sucessão cronológica temporal e passar a indicar sucessão discursiva, assinalando a ordem seqüencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas. Trata-se de um percurso 'seqüenciação temporal è seqüenciação discursiva'. Exemplo a seguir.

- (7) É, ali tinha o Rox, Cine Rox, e tinha o Cine Ritz também. Mas só o Cine Ritz também. (inint) hoje, né? existia naquela época também. **Aí** o Cine Ritz só [*<ti->*]- tinha cinema pra criança, mas era só durante a tarde, e à noite não podia ir, né? É porque naquela época a censura não era dezoito anos, era vinte e um anos. (FLP 18, L 1109)

(iii) *Retomador*: O conector retomador recupera informações interrompidas por digressões de proporções variadas. Pode indicar seqüência cronológica temporal (quando da recuperação da linearidade dos eventos narrados) ou discursiva (quando da recuperação de informações dadas anteriormente para permitir a continuação do discurso). Ao indicar seqüência cronológica, como em (8), o retomador aproxima-se do uso que o origina, o seqüenciador temporal, ao passo que, ao indicar seqüência discursiva, como em (9), afasta-se do uso fonte, assemelhando-se mais ao seqüenciador textual, por apenas marcar a seqüenciação discursiva. Está, portanto, mais gramaticalizado como retomador neste último emprego. Trata-se de um percurso 'seqüenciação temporal → retomada temporal de informações → retomada textual de informações'.

- (8) Bom, eu tentaria ajudar, né? desaconselharia, né? Mandaria parar, que eu já tive uma colega que ela queria fumar [um]- [um]- um Bali. í Porque [<Ba->]- Bali é cinco por cento de não sei quanto, cinco por cento de não sei quanto. É mais ervas assim, né? ý **Aí** eu disse: “Não, tu não és maluca de tentar botar isso na boca.” (FLP 17J, L 1058)
- (9) Aí elas espriaram pelo buraquinho da porta, apagaram a luz de dentro de casa, í que era luz de querosene, e eles tratavam pomboca, aquela lamparina grande eles tratavam pomboca, porque não tinha luz elétrica. ý **Aí** elas apagaram a tal de pomboca e aí ficaram espianoando, assim, pela janela, diz que era [um]- [umas]- umas sete mulheres, uma vestida de branco, [outra]- outras sem roupas pegando uma canoa. (FLP 08, L 505)²

(iv) *Adversativo*: O conector adversativo transmite a idéia de contraste entre uma informação dada e uma que está por vir. Muitos dos empregos dos conectores adversativos são seqüenciais - os eventos ou argumentos contrapostos sucedem-se temporal ou textualmente. Assim, devem surgir em um percurso como ‘seqüenciação → seqüenciação/adversão → adversão’.

- (10) Se já tinha morrido lá, já estava lá, [era assim]- nem precisava isso, né? Era só liberar, né? **Aí** não podiam liberar sem o médico chegar. (FLP 03, L 1349)

O *af* finalizador (11), que marca a conclusão de narrativas ou de argumentações, resulta do emprego como introdutor de efeito, pondo em evidência a cronologia lógico-discursiva, pois a conclusão segue-se logicamente a informações anteriores. O traço conclusivo pode estar bastante presente, assemelhando-se o conector finalizador a *portanto*, mas pode estar enfraquecido, assemelhando-se o conector a *enfim*. É possível considerar o emprego que se aproxima do *enfim* mais gramaticalizado do que o que se aproxima do *portanto*, pois o traço de seqüenciação lógico-discursiva é mais forte neste do que naquele. Dessa forma, o uso com valor de *portanto* assemelha-se mais ao uso introdutor de efeito, que dá origem ao finalizador, ao passo que o uso com valor de *enfim* distancia-se mais do introdutor de efeito. Trata-se, então, de um percurso 'introdução de efeito → introdução de efeito/finalização → finalização'.

- (11) É "Mulheres sem dono". É prostituição mesmo, assim. É mulher que- Até está lá em casa. Até vou trazer pra tu leres um dia. Deixa eu terminar que ainda não terminei o livro. Mas é baseado em prostituição, não tem? A mulher do cara viaja, ele vai encontrar com ela. Aí ela estava [no]- [no]- [tipo]- Como é que [ela]- ela veste? Aí é baseado nisso aí. (FLP 16, L 1019)

4. Do espaço externo para o espaço textual

A escala 'espaço → (tempo) → texto' (Heine et alii, 1991:182) representa passos comuns do desenvolvimento de conectores a partir de elementos espaciais, caso do *af*. Segundo essa escala, um item lingüístico indicador de espaço pode migrar para funções textuais, como a anáfora discursiva e a conexão

entre orações ou partes maiores do discurso, podendo passar intermediariamente por funções de indicação temporal. Ou seja, ocorre a passagem de um elemento que aponta para algo do mundo exterior, como espaço e tempo, para um elemento que desempenha funções textuais.

Contudo, cabe uma ressalva: a passagem do item em exame da função dêitica locativa para a anafórica locativa, isto é, do espaço dêítico para o espaço anafórico, representa a passagem para o nível textual, pois as anáforas têm forte papel na articulação textual, por recuperarem elementos mencionados anteriormente. Sendo assim, o desenvolvimento dos usos anafóricos temporais e conectivos do *ai* desenrola-se já no âmbito textual, diferentemente do que aponta a escala, segundo a qual poderíamos interpretar que apenas os usos como conectores ocorreriam em âmbito textual.

Em substituição à escala 'espaço → (tempo) → texto', propomos as escalas a seguir, que representam de modo mais detalhado as etapas da mudança das formas sob pesquisa rumo às funções conectivas. Essas escalas foram elaboradas a partir do percurso de gramaticalização ilustrado na seção anterior:

Quadro 2:

Etapas da gramaticalização do *ai* rumo à conexão textual

| | | | | | | | |
|---------------------|---|--------------------|-------|--------------------|---|----------|-----------------|
| dêitico locativo | → | anafórico locativo | → | anafórico temporal | → | conector | |
| LÉXICO ³ | | → | TEXTO | | | | |
| ESPAÇO | | | → | TEMPO | | → | CONEXÃO TEXTUAL |

5. Considerações finais

Os padrões de uso múltiplo revelam parte da história do *ai*, pois seus empregos mais antigos, nos campos dêitico e anafórico, que sobrevivem junto aos empregos mais recentes, no campo da conexão textual, permitem o levantamento de informação não apenas acerca das construções lexicais que foram a fonte de suas funções conectivas, mas também permitem traçar os estágios pelos quais passou ao longo do seu percurso de desenvolvimento.

A presença de propriedades em comum entre as funções do *ai*, como o apontamento dêitico ou anafórico, e outras propriedades mais específicas como a indicação de seqüenciação cronológica, são indícios dos possíveis percursos de gramaticalização da forma em investigação, para os quais também constituem-se em indícios as relações de abstratização crescente entre as funções. Todavia, fazem-se necessários estudos mais aprofundados, envolvendo *corpora* de diferentes naturezas, inclusive diacrônicos, com a intenção de averiguarmos se existem outros usos de *ai* além dos mapeados em nosso *corpus*, e de buscarmos maiores indícios confirmadores ou não das trajetórias de derivação obtidas pela análise dos usos sincrônicos.

Referências Bibliográficas

- HEINE, B e REH, M. (1984) *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske.
- HEINE, B. et alii. (1991) *Grammaticalization: a conceptional framework*. Chicago: University of Chicago Press.
- HOPPER, P. e TRAUOGOTT, E. (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LICHTENBERCK, F. (1991) On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUOGOTT, E. e HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization. Vol. 1: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Publishing Company. p. 261-303.
- TAVARES, M. A. (1999) *Um estudo variacionista de ai, daí, então e e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação de mestrado. Florianópolis, UFSC, mimeo.
- TAYLOR, J. (1989) *Linguistic categorization. Prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press.

Notas

- ¹ O percurso de gramaticalização rumo à conexão textual é um dos percursos de mudança do *ai*. Há também o que chega na modificação de sintagmas nominais e o que chega na anáfora discursiva (cf. Tavares, 1999). Além desses percursos de gramaticalização, destacamos ainda o processo de discursivização sofrido pelo *ai*, responsável, por hipótese, pelos usos de natureza interacional dessa forma, como fáticos, preenchedores de pausa etc.
- ² O símbolo *i*, acrescentado nos exemplos por nós, marca o início da digressão feita por F, e *y* marca o seu final.
- ³ É possível que o advérbio dêitico locativo não seja um item lexical, mas já gramatical ou ao menos intermediário, como propõem Hopper e Traugott (1993:104), ao dividir as palavras em três categorias: "Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção]". Neste caso, teríamos, ao invés do percurso 'léxico → texto' apontado no quadro 19, talvez um percurso como 'proposição → texto', considerando-se o item dêitico locativo como desempenhando função em nível proposicional, isto é, ligando a proposição ao mundo exterior, ao momento da fala, e o item anafórico locativo como desempenhando função em nível textual, interligando partes do texto pelo apontamento a um tempo antes referido.